

DILTHEY ENTRE KANT E FREUD. UM DIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE

DILTHEY BETWEEN KANT AND FREUD. A DIALOGUE BETWEEN PHILOSOPHY AND PSYCHOANALYSIS

Fabiano Veliq¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor um diálogo entre a Filosofia e a Psicanálise situando o filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) entre as propostas filosóficas de Kant e Freud. Para esse propósito iniciamos o nosso artigo com um panorama da teoria do conhecimento de Kant evidenciando que a diferenciação entre coisa-em-si e fenômeno que marca a proposta kantiana será adotada por Dilthey no início de seu trabalho, mas posteriormente abandonada no desenvolver de sua filosofia. Evidenciamos que o percurso freudiano se dará de maneira similar ao percurso de Dilthey em relação à proposta kantiana, mas em Freud se dará um afastamento da visão da Psicanálise como *Naturwissenschaften* e uma aproximação da Psicanálise como *Geistwissenschaften*, o que a nosso ver aproxima Freud e Dilthey do ponto de vista metodológico.

Palavras-chave: Filosofia. Psicanálise. Ciência. Método.

Abstract: This article aims to propose a dialogue between Philosophy and Psychoanalysis by placing the German philosopher Wilhelm Dilthey (1833-1911) between Kant's philosophical proposals and Freud's Psychoanalysis. For this purpose, we begin our paper with an overview of Kant's theory of knowledge, showing that the differentiation between thing-in-itself and the phenomenon that marks the Kantian proposal will be adopted by Dilthey at the beginning of his work, but later abandoned in the development of his own philosophy. We show that the Freudian path will be similar to Dilthey's path in relation to the Kantian proposal, but in Freud there will be a departure from the view of Psychoanalysis as *Naturwissenschaften* and an approach to Psychoanalysis as *Geistwissenschaften*, which in our view brings Freud and Dilthey closer from the methodological point of view.

Keyword: Philosophy. Psychoanalysis. Science. Method.

Introdução

O diálogo entre Filosofia e Psicanálise é algo que perpassa o século XX e por isso tal diálogo se mostra extremamente profícuo. As bases para tal diálogo começa a ser sedimentado com a filosofia kantiana que proporrá uma nova forma de relação entre sujeito e objeto e o seu projeto influenciará tanto a filosofia alemã quanto toda a ciência do século XIX do qual Freud e Dilthey são legítimos herdeiros. Para além de uma aproximação temporal entre os dois autores e sua dependência da revolução proposta por

¹ Doutor em Psicanálise pela PUC Minas. Doutorando em Filosofia pela UFMG. Professor Adjunto do departamento de Filosofia da PUC-Minas. E-mail: veliqs@gmail.com

Kant, nosso artigo exporá a relação entre Dilthey e Freud evidenciando um diálogo possível entre Filosofia e Psicanálise.

O presente artigo tem como objetivo propor um diálogo entre a Filosofia e a Psicanálise situando o filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) entre as propostas filosóficas de Kant e Freud. Para esse propósito iniciamos o nosso artigo com um panorama da teoria do conhecimento de Kant evidenciando que a diferenciação entre coisa-em-si e fenômeno que marca a proposta kantiana será adotada por Dilthey no início de seu trabalho, mas posteriormente abandonada no desenvolver de sua filosofia. Evidenciamos que o percurso freudiano se dará de maneira similar ao percurso de Dilthey em relação à proposta kantiana, mas em Freud se dará um afastamento da visão da Psicanálise como *Naturwissenschaften* e uma aproximação da Psicanálise como *Geisteswissenschaften*, o que a nosso ver aproxima Freud e Dilthey do ponto de vista metodológico.

1 - A filosofia kantiana

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) é sem dúvida um dos maiores filósofos modernos e um dos definidores da forma como vemos o mundo até os nossos dias. É bastante conhecida a proposta kantiana do conhecimento como uma tentativa (muito bem sucedida) de resolver o impasse entre o racionalismo cartesiano do século XVI e o empirismo inglês do século XVII. O transcendentalismo kantiano, descrito na *Crítica da Razão Pura*, que limita o conhecimento ao campo fenomênico é visto pelo próprio filósofo alemão como uma espécie de “revolução copernicana” do conhecimento. Segundo Kant, ele mesmo teria tirado o objeto do centro em relação ao conhecimento e colocado a razão no centro, assim como Copérnico teria feito com o sistema ptolomaico.

Essa visão kantiana definiu em grande medida que para fazer ciência precisamos antes conhecer o aparato cognoscente, i.e, toda ciência está sempre condicionada pelo sujeito de razão que constrói o objeto a ser conhecido. Em Kant o que se evidencia para a ciência moderna é a separação entre a realidade e o objeto a ser conhecido. Não temos acesso à coisa como ela é, mas apenas como a coisa se mostra para nós. O projeto kantiano anuncia o destino da ciência e é em grande medida a forma como até os nossos dias ela é pensada. O sujeito transcendental alçado ao centro do processo de conhecimento, e a coisa objeto do processo científico relegado a um segundo plano.

Atualmente a filosofia da ciência tem procurado repensar esse estatuto kantiano do conhecimento e as propostas de Quentin Meillassoux,(2013) Jean-René Vernes (1982, 2000) e outros filósofos franceses caminham nessa direção. Meillassoux em seu livro “After the finitude” (2013) afirma que toda a filosofia posterior a Kant teria partido do pressuposto kantiano o qual ele chama de “correlacionismo” e por isso urge trazer de volta a noção de “objeto” que não dependeria mais do sujeito, mas existe por si e pode sim ser conhecido do ponto de vista do absoluto. Restaurar a tarefa de absoluto seria a proposta de Meillassoux para dar conta de sair do correlacionismo kantiano. Proposta semelhante é do próprio Jean-René Vernes já em 1983 com seu livro “Critique de la raison aléatoire”.

Se o pensamento kantiano até hoje impacta a filosofia, com certeza no século XIX a sua influência seria ainda maior e o debate sobre o estatuto da ciência se tornará um grande debate principalmente a partir da segunda metade do século XIX e o início do século XX, muito por conta do avanço das chamadas “ciências naturais” e principalmente os ramos como a física, a biologia e a química.

2 - A Filosofia Diltheyana

Encontramos na obra do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) um ponto nodal deste debate. Influenciado pelo idealismo alemão, e ao mesmo tempo testemunha e entusiasta das profundas transformações efetuadas pela ciência moderna sobre a realidade humana, Dilthey pensa uma fundamentação filosófica para a ciência capaz de superar a dicotomia entre ciências naturais e ciências humanas.(DILTHEY, 2010 p. 16) O positivismo de Augusto Comte já havia encarado este desafio, organizando as ciências segundo uma hierarquia que tinha na base as ciências naturais (Naturwissenschaften). A epistemologia de Dilthey inverte esta perspectiva. Nela, são as ciências do espírito (Geisteswissenschaften) que devem oferecer a base de sustentação do conhecimento científico. Neste sentido podemos dizer que o empreendimento de Dilthey é o de conferir às ciências humanas um lugar privilegiado para o conhecimento das coisas. A noção de “verdade” advindo das ciências da natureza não deve ser considerada a única possível, mas as próprias coisas asseguram de uma maneira diferente o genuíno fundamento às ciências humanas. Dilthey se mostra como um filósofo disposto a assegurar um fundamento à filosofia pensando o fundamento da natureza e da história e a verdade possível de uma e de outra.

Dilthey, para levar a cabo tal projeto propõe que o conhecimento da natureza em seus fundamentos últimos estava vetado, nunca saberíamos como ela é em si, mas apenas como ela pode ser apreendida pelo sujeito humano. Aqui percebemos claramente a influência kantiana sobre a obra de Dilthey. O método transcendental proposto por Kant serve de base para o pensamento de Dilthey, pois ao postular que não temos acesso à realidade em si, mas apenas à nossa apreensão dela, o que está em jogo é uma oposição entre coisa-em-si e fenômeno, que como sabemos embasa o projeto criticista kantiano.

Neste sentido podemos dizer que a posição de Dilthey irá influenciar todo o desenvolvimento posterior das ciências humanas, que se orientará pela célebre distinção entre os mecanismos da explicação (*Eklärung*), próprio das ciências da natureza, e da compreensão (*Verstehen*), específico das ciências do espírito. Tais categorias, introduzidas pelo historiador Droysen (1808-1884), foram retomadas e reelaboradas por Dilthey, no sentido de que as ciências do espírito também não prescindem do mecanismo da explicação, e as ciências da natureza só se tornam verdadeiras ciências apoiadas no mecanismo da compreensão. Como afirma Dilthey,

O material das ciências humanas é formado pela realidade efetiva histórico-social, na medida em que elas se mantiveram como conhecimento histórico na consciência da humanidade e se tornaram acessíveis como conhecimento social da ciência, um conhecimento que se estende para além do estado atual. (DILTHEY, 2010 p. 38)

Dessa forma Dilthey deixa claro que o objeto de estudo das ciências do espírito é diferente do objeto das ciências da natureza. Uma espécie de dialética é colocada em jogo aqui e esse aspecto será crucial para pensar a própria psicologia. Neste momento a noção de “historicidade” será crucial para entender o desenrolar da proposta diltheyana.

Segundo Ortega y Gasset, a descoberta da ‘vida humana’ por Dilthey implica em que, a partir daí, a filosofia tem de assumir que o homem não tem natureza, mas sim história. Enquanto a filosofia moderna havia-se preocupado em apreender no homem aquilo que tivesse permanência e universalidade, Dilthey concebia a vida do homem como uma resultante das dimensões destino, acaso e caráter (DILTHEY, 2010 p. V. Introdução). Decorre daí que o homem não mais poderia ser abordado pela ciência ou pela filosofia como um ser dotado de uma razão universal.

Se agora a pouco vimos a influência kantiana para a proposta de Dilthey, aqui percebemos o rompimento do filósofo com Kant. Sabemos que em Kant a noção de “razão universal” é o pressuposto para a sua teoria do conhecimento. Neste sentido Dilthey nega

a existência de tal razão universal para o conhecimento e faz a noção de “explicação do mundo” depender em grande medida da “compreensão do sujeito entendido como histórico”. A ideia de ‘vida humana’ submete a própria razão à dimensão histórica do homem.

Conforme Ortega y Gasset,

Dilthey dá a entender (...) que a inteligência não é uma faculdade de pensar ou conjunto de formas abstratas, separáveis de seu conteúdo, e que seja, portanto, igual em todos os homens de todos os tempos. Pensar é já e desde logo partir de certas idéias determinadas, de certas convicções básicas que resultam de todos os ensaios intelectuais feitos pelo passado até a data em que começamos a pensar. Como o estrato mais profundo de nossa subjetividade, formam o subsolo mental desde o qual iniciamos nossa própria obra de conhecimento. Este subsolo de nossa pessoa intelectual pertence, pois, à difusa coletividade que é a espécie humana até nosso tempo. O intelecto do indivíduo não é, portanto, individual no sentido de que esteja em sua mão forjar-se a nihilo todas suas idéias; pelo contrário, está desde logo constituído pela herança do coletivo histórico. Neste sentido, perfeitamente empírico e nada vago ou místico, quem pensa em mim não sou eu somente, mas também todo o passado humano. (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 195)

O que Ortega y Gasset aponta de maneira bem clara é que toda forma de pensamento humano pressupõe em grande medida uma história social no qual o indivíduo está de saída envolto. Tal coletivo histórico que aponta Ortega y Gasset é a base e o lugar onde se move todo conhecimento humano para Dilthey. A partir desse momento podemos notar que Dilthey mina em sua forma mais básica a distinção cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa*, pois se todo conhecimento do mundo é em grande medida condicionado pela compreensão da vida humana a partir da historicidade, não tem como supor uma “realidade psíquica” que se contraponha à uma “realidade física” como um outro mundo, mas ambas as coisas estão sempre entrelaçadas do ponto de vista humano. A tarefa de uma ciência do espírito é conhecer em sua própria estrutura o mundo histórico.

O problema que Dilthey se coloca é o de estabelecer uma nova psicologia que não tem mais o ideal de se plasmar ao modelo da física do século XIX como queriam os positivistas, e nem uma psicologia que parta da premissa de que toda realidade é apenas construção fenomênica como propõe Kant. No fundo Dilthey pretende “salvar” o mundo físico, mas ao mesmo tempo “submetê-lo” à noção de compreensão decorrente da ideia de “vida humana”. Como afirma Lage 2003:

Uma tal psicologia [proposta por Dilthey] não poderia ser construída sobre categorias gerais, visando ao homem universal, mas, ao contrário, teria por meta fornecer os instrumentos necessários à compreensão científica do indivíduo na dimensão de sua historicidade. Desse modo, a ‘crítica da razão histórica’, denominação dada pelo próprio Dilthey ao projeto que consumiu toda sua vida intelectual, deveria estabelecer as condições de possibilidade e os limites do conhecimento da ‘vida humana’. Em Dilthey, os fatos da ‘vida humana’, históricos por excelência, somente podem ser apreendidos na totalidade das determinações da experiência que os constitui. Assim sendo, as ciências do espírito não devem pretender apenas conhecer a história, mas também conhecer historicamente. (LAGE, 2003 p. 45)

Dilthey marca seu pensamento pela superação quanto à distinção entre as duas classes de ciências. Também para Dilthey só há um mundo a ser conhecido, o mundo do espírito, a realidade histórico-social. O próprio ato de conhecer a natureza é obra do espírito, pois é o espírito que se coloca tal tarefa e, neste sentido, não há uma separação de direito entre o mundo natural e o mundo do espírito. Assim afirma Dilthey em 1911

Toda a relação vital se desdobra numa estrutura em que se encontram estruturalmente ligados os mesmos modos de conduta. E, por isso, também as concepções do mundo constituem formações regulares em que se expressa esta estrutura da vida anímica. O seu substrato é sempre uma imagem do mundo: panorama da nossa atitude apreensora, tal como decorre na sucessão regular das etapas do conhecer. (DILTHEY, 1911/1992, p. 115-6)

A distinção entre ciências da natureza e ciências humanas não é dada, em Dilthey, pela diferença entre seus objetos: ambas se debruçam sobre a totalidade das determinações da vida humana. Como afirma Lage, 2003

Num sentido amplo, toda ciência é ciência do espírito, na medida que a natureza só existe para o homem ou como determinação extrínseca ou como ‘fato de consciência’. As ciências naturais seriam então, na concepção de Dilthey, instrumentos espirituais de domínio da natureza, e não o conhecimento último da natureza. Sua ação deveria ser integrada aos conhecimentos advindos das demais ciências do espírito particulares, e seus achados articulados epistemologicamente numa teoria do conhecimento da realidade histórico-social. Dessa forma, em Dilthey o termo ‘ciências do espírito’ designa, ao mesmo tempo, as ciências que têm por objeto as organizações sociais e o conjunto articulado dos conhecimentos científicos realizados no mundo histórico-social, inclusive pelas ciências naturais. (LAGE, 2003 p. 94)

3 - A Psicanálise Freudiana

No início do século XIX Freud desponta no cenário europeu criando um novo ramo do conhecimento, a saber, a psicanálise. Em um primeiro momento Freud está envolto com um problema muito específico da Viena do século XIX que é o fato de fundamentar tal nova ciência, e para isso há a preocupação freudiana em defender que a psicanálise deve ser considerada uma ciência natural (Naturwissenschaften). À medida que o tempo vai passando o próprio Freud vai percebendo que a sua adesão aos ideais positivistas não é suficiente e não está de acordo com as descobertas que a psicanálise vai realizando. Dessa forma o método de Freud também vai se alterando com o passar do tempo. Se ele começa como um médico neurologista, já fica bastante claro que à medida que Freud vai desempenhando a psicanálise a sua ênfase com o método positivista vai sendo deixado de lado.

No projeto de 1895 ele afirma estar mais próximo da linha positivista da ciência ao colocar o objeto da psicanálise como algo pertencente às ciências naturais. Segundo Freud (1895, v. 1 p. 347),

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento. (2) Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais.

Algo que Freud sempre deixou claro na elaboração do seu trajeto psicanalítico é que a clínica deveria fornecer sempre o aparato para a pesquisa em psicanálise, de forma que seria totalmente plausível mudar de opinião caso a clínica comprovasse que a antiga teoria não mais funcionasse. Vemos no percurso de Freud essa preocupação constante. Em 1906 ele afirma

Nenhuma pessoa familiarizada com o processo de desenvolvimento do saber humano ficará surpresa ao constatar que, neste ínterim, ultrapassei algumas das opiniões aqui expressas, ao mesmo tempo que venho modificando outras. Não obstante, consegui manter inalterada a maior parte delas e, de fato, não senti necessidade de eliminar coisa alguma como totalmente errônea ou completamente desprezível (FREUD, 1906 vol 3 p. 15)

À medida que Freud vai caminhando com a psicanálise, Freud vai se utilizando de nova analogias para descrever tal processo, e se compara a um arqueólogo (FREUD 1896c, vol. III, pág. 189), a um químico (1919), um cirurgião (1919), educador (1919) de forma que a psicanálise vai se revelando para Freud não como algo que possui um objeto como um objeto das ciências naturais, mas algo que se pautaria pela compreensão do próprio humano permeado por sua história. Segundo Freud,

Aquilo que é psíquico, é tão único e singular, que nenhuma comparação pode refletir a sua natureza. O trabalho da psicanálise sugere analogia com a análise química, mas o sugere também, na mesma medida, com a intervenção de um cirurgião, ou com as manipulações de um ortopedista, ou com a influência de um educador. A comparação com a análise química tem a sua limitação: porque, na vida mental, temos de lidar com tendências que estão sob uma compulsão para a unificação e a combinação. Sempre que conseguimos analisar um sintoma em seus elementos, liberar um impulso instintual de um vínculo, esse impulso não permanece em isolamento, mas entra imediatamente numa nova ligação (FREUD, 1919a, vol. XVII, p. 175).

Neste sentido percebemos que a concepção freudiana de ciência é compatível com um aspecto fundamental da conceituação diltheyneana das ciências do espírito: a ciência não visa a estabelecer as verdades últimas das coisas, mas sim, combinando explicação e compreensão, agir sobre a realidade, modificando-a. Freud várias vezes é acusado de ser um positivista que acreditava piamente na ciência, no entanto, percebemos que a própria concepção de ciência em Freud vai se alterando com o passar do tempo. Freud deixa claro desde o início do percurso psicanalítico que a tarefa psicanalítica seria uma cura pelo amor. Segundo Freud,

O sucesso terapêutico, entretanto, não é o nosso objetivo primordial; nós nos empenhamos mais em capacitar o paciente a obter uma compreensão consciente dos seus desejos inconscientes. E podemos atingir isso trabalhando com base nos indícios que ele expõe, e assim, com a ajuda da nossa técnica interpretativa, apresentar o complexo inconsciente para a sua consciência nas nossas próprias palavras. Haverá um certo grau de semelhança entre o que ele ouve de nós e aquilo que ele está procurando, e o que, a despeito de todas as resistências, está tentando forçar caminho até a consciência; e é essa semelhança que vai capacitá-lo a descobrir o material inconsciente. O médico está um passo à frente dele no conhecimento; e o paciente segue pelo seu próprio caminho, até que os dois se encontrem na meta marcada. (FREUD, 1909b, vol. X, p. 110).

Percebemos aqui que Freud, assim como Dilthey propunha uma articulação entre os diversos campos da ciência. Freud mais uma vez acompanha Dilthey, que concebia as ciências do espírito como uma articulação das diversas ciências particulares, formando em seu conjunto a ‘ciência total da realidade histórico social’. Segundo Freud,

O que caracteriza a psicanálise como ciência não é o material de que trata, mas sim a técnica com a qual trabalha. Pode ser aplicada à história da civilização, à ciência da religião e da mitologia não em menor medida do que à teoria das neuroses, sem forçar sua natureza essencial. Aquilo a que ela visa, aquilo que realiza, não é senão descobrir o que é inconsciente na vida mental. (FREUD, 1916-1917, Vol X, p. 389).

O objetivo de tal ciência para Freud não é, portanto, uma descoberta vazia da mente humana como um objeto no estilo de uma *naturwissenschaften*, mas sim um tipo de conhecimento que visa a transformar a relação do homem com o mundo. Se a psicanálise conseguisse proporcionar ao sujeito esse se colocar de maneira diferente diante do mundo, a sua tarefa estaria sendo bem executada.

Considerações finais

Neste sentido podemos observar que Dilthey se encontra em grande medida entre Kant e Freud como uma espécie de elo entre duas grandes áreas do saber; A psicanálise e a Filosofia. Ao vincular a noção de historicidade e dar ao mundo das ciências naturais um lugar dentro das ciências humanas Dilthey leva a cabo a proposta kantiana ao mesmo tempo que a supera. Ao superar Kant, Dilthey abre o caminho para Freud que será assim como Dilthey um elo entre a modernidade e a contemporaneidade. A descoberta freudiana do inconsciente abre um novo e impressionante caminho para a ciência moderna. Mesmo Freud estando ancorado na Viena do século XIX para formular a psicanálise, percebemos um pensamento vivo na obra de Freud que está disposto a constantemente repensar a sua teoria à medida que a própria história vai lhe dando novas pistas.

Referências

DILTHEY, W. *Teoria das concepções do mundo. A consciência história e as concepções do mundo*. Tradução de Artur Morão. Edições 70. 1992
_____. *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Rio de Janeiro: Forense universitária. 2010.

- FREUD, S. *Prefácio à coletânea dos breves escritos de Freud sobre a teoria das neuroses de 1893 a 1906*. 1906, Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Imago: Rio de Janeiro, 1996. vol. III
- _____. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, 1909. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Imago: Rio de Janeiro, 1996. vol.X.
- _____. *Conferências introdutórias 1916-17*, Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Imago: Rio de Janeiro, 1996. vol. XVI. (Conferência XXIV- O estado neurótico comum)
- LAGE, S. F. L. *Dilthey e Freud: A psicanálise frente à epistemologia das ciências do espírito*. Tese de Doutorado. PUC Rio. 2003. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=4047@1>
- ORTEGA Y GASSET. *Prólogo a “Introducción a las ciencias del espíritu”*. In Goethe, Dilthey. *Revista de Occidente*, Madrid, 1982.

Recebido em: 18/04/2020
Aprovado em: 07/05/2020